

VELHICE E SUICÍDIO

Napoleão L. Teixeira

Professor de Medicina Legal da Faculdade de
Direito da Universidade do Paraná.

I — SUICÍDIO: PROVA DE CORAGEM, OU MOSTRA DE COVARDIA?

A resposta não é fácil. Divergem as opiniões. Discute-se e são, por vezes, verdadeiras disputas de sinedrim, em que os doutos se batem, não por idéias, mas por palavras. E tanto, que, para se escrever tudo o que debatem, seria preciso, como diz o castelhano, *un mar de tinta, un cielo de papel, los peces escribanos y escribiendo a dos manos*.

— Coragem ou cobardia?

Perguntaram a Catão, da Útica, durante a guerra civil entre Cesar e Pompeu, qual era o seu partido. Respondeu: “Se vence Pompeu, exilo-me de Roma; vencendo Cesar, exilo-me da vida”. Tendo Cesar vencido, matou-se, dizendo: “O homem de coragem sabe viver, sabe afrontar as vicissitudes e também sabe morrer!” A seu ver, a autoquíria seria, pois, demonstração de valor.

Pensando de maneira diversa, Pitágoras proíbe-nos sair da estância e guarnição desta vida, que é o corpo, sem licença e mandado de nosso capitão, que é Deus; a informação é de Cícero (“Diálogos — *Cato Major, De Senectute*”): “*Vetatque Pythagoras injussu imperatoris, id est Dei, de praesidio et statione vitae decedere*”. Fugir à vida seria deserção, covardia portanto.

Para Camilo Castelo Branco — futuro suicida — “invetivar de covarde ao suicida, é escarrar na face de um morto: não se pode ser mais cruel, nem mais infame!”. Na opinião de André Malraux, saber se o autocídio é, ou não, um ato de coragem, é problema que só se debate perante aquêles que não se mataram. “Quem há que possa perscrutar os derradeiros pensamentos daquele que sabe que, daí há pouco, vai morrer?” — interrogava Stephan Zweig, em cujo espírito já medrava a planta venenosa do suicídio.

— Se a impròpriamente denominada “morte voluntária” não é consequência da pusilanimidade, nem o fêcho glorioso de uma vivência de bravura — como a interpretar então?

II — NEM CORAGEM, NEM COBARDIA, MAS, SIM, ANORMALIDADE MENTAL

Todo suicida não é valente, nem, muito menos, “desertor da existência”. Anormal apenas; no momento em que se auto-elimina, pelo menos. Somos de opinião que todo aquêle que se mata ou intenta, *sèriamente*, fazê-lo, é sempre anormal psíquico. Anormal, ou temporariamente anormalizado. “Indivíduo normal não se mata; a impulso inicial, auto-destruidor, clastômano, seguir-se-á, nêle, raciocínio lógico, controlador, conservador portanto, capaz de afastar, ou anular, reações inadequadas, despropositadas, ilógicas” — palavras de outrem, que fazemos nossas.

Recente ou antiga, episódica ou duradoira, permanente ou transitória, mas anormalidade ao cabo de tudo. Pessoa em que claudicam os mecanismos do equilíbrio crítico-volutivo e na qual se observam transtornos da razão e do sentimento. Ao realizar a autoquíria, acha-se sua vontade sob a ação de influências coativas diversas, alheias à normalidade, que lhe impediam sopesar motivos e contramotivos.

Ponto de vista que não é original, nem só nosso. Na verdade, é o da moderna geração de psiquiatras, legistas evoluídos, religiosos esclarecidos, quantos, enfim, se dão ao trabalho de

pensar. Há os que pensam de maneira diversa — e são muitos — que sustentam haver indivíduos inteiramente íntegros do seu psiquismo, ao premeditarem a própria morte, ao se eliminarem ou intentarem fazê-lo. Opiniões valiosas, dignas do nosso maior acatamento, que não aceitamos, mas respeitamos, tendo em vista a convicção que as orienta e os nomes que as prestigiam.

Honestamente falando, não há mais lugar a que, dentro do tema suicídio, se continue falando em “morte voluntária”, “deserção da existência”, “egoísmo dos que abandonam a vida”, coisas assim, explicáveis em outras éras que não a éra nossa. Carente de reforma, também nisso, nosso venerando Código Civil; abram-no e vejam como conceitua o suicídio:

Art. 1440.

 § único — Considera-se morte voluntária a recebida em duelo, bem como o *suicídio premeditado por pessoa em seu juízo* (o grifo é nosso)

Há muita coisa a precisar de reforma, em nosso Código Civil. Esta é uma delas — por superada, anacrônica, rançosa, arcáica, atrasada. Luz à gaz, na época da eletricidade; lanterna mágica, ao tempo da televisão; catapulta, na idade da bomba de hidrogênio.

Noção esta que deveria estar presente ao espírito do advogado, particularmente nas questões suscitadas pelas companhias de seguros de vida, ao se recusarem ao pagamento do prêmio de seguro “quando o segurado se suicida *voluntariamente* (!?) em qualquer época, ou quando se mata, ainda que involuntariamente, durante os dois anos da data da emissão da apólice”. Com a palavra Ariosto Licurzi, grande mestre argentino: “*Muy poco talento demostraria el juez que aceptando la tesis del “acto voluntario” anulase la obligación de una póliza de seguro*” (*)

(*) Para maiores detalhes sôbre o assunto, leia-se nosso livro “O Suicídio”, em face da Psicopatologia, da Literatura, da Filosofia e do Direito”, na parte “Aplicações Médico-legais” (Livraria da Revista Forense — Rio).

Têm importância fatores mesológicos, pessoais, sociais — e não seremos nós quem os negará. De pouco valerão, contudo, não havendo pré-existente distúrbio da personalidade, a propiciar desencadeamento, no futuro suicida, do estado de exaltação psíquica suficiente, que o induza à destruição daquilo por que vinha sabendo lutar, sofrer, bater-se — a vida.

Para que se possa dizer que alguém se suicidou, é preciso que o haja feito com lucidez. *Lucidez*, aqui, no sentido psiquiátrico, como quer Delmas: “*La lucidité, au sens psychiatrique, peut être définie comme la conservation des faits de mémoire et le pouvoir de leur utilisation par les moyens de la dialectique; c’est, en d’autres termes, la conservation du pouvoir de déduire et de raisonner. Notons bien que nous ne voulons pas dire ici le pouvoir de raisonner juste: on peut raisonner faux et cependant raisonner; ce n’est pas la justesse du jugement qui fait la lucidité, c’est seulement la conservation du raisonnement, la possibilité de raisonner, que ce soit exactement ou de travers*”. Efetivamente, escrevemos em nossa “*Psicologia Forense e Psiquiatria médico-legal*” (Livraria da Revista Forense — Rio), de par com loucos privados da lucidez, há os loucos lúcidos; caso do paranóico, para citar apenas um exemplo, que arquiteta um raciocínio perfeitamente concatenado; só é falso, por se basear numa idéia falsa. Recordem-se, aqui, as palavras de Frederici e Caponi, ao se referirem a loucos que “cometem crimes premeditados, revelando a calma e a tranquilidade de um espírito lúcido e sadio, iludindo, assim aos mais afamados peritos profissionais” (*Il Suicidio*, págs. 120-1).

Alerta Ariosto Licurzi, em seu livro “*El suicidio*”, ser errôneo o conceito de chamar-se, ao suicídio, “morte voluntária”. Confunde-se, habitualmente, *decisão com determinação consciente do ato voluntário*. Ao ver de Ellero, a consciência da vontade de querer é uma ilusão: muitos enfermos da mente, frente à própria “consciência”, têm o sentimento da vontade livre; ao traduzirem em atos seus impulsos e decisões, estão executando atos voluntários: o louco que, para destruir os ratos, pôs fogo na casa, realizou um ato voluntário. O suicida, quando se

decide matar, pode ter noção do que irá fazer — procede com “vontade livre”: livre, porque coisa alguma, nem pessoa alguma o impedia — nem o contrôle externo, nem o controle interno, por faltarem, ou serem débeis. A “vontade livre” é, pois, uma ilusão. Já a *vontade consciente* (ou, mais precisamente, a *voluntariedade*), prossegue o mesmo Licurzi, é, porém, função de elevada hierarquia ético-psíquica, condicionada por diversos elementos: intelectivos, sensitivos, afetivos, morais. Precisa-a De Sanctis, como sendo a “capacidade de executar ações pensadas e preparadas à luz da própria consciência”.

Afirmava Heitor Carrilho ser o suicida, em geral, indivíduo de exagerada emotividade, parecendo haver, nas suas reações psíquicas, predomínio dos sentimentos afetivos sôbre a razão e a vontade. Opina Júlio de Matos ser o autocídio decorrência de uma perversão da atividade instintiva, referente aos atos que, direta ou indiretamente, interessam à conservação e reprodução do indivíduo. Segundo Mira y Lopez, o suicídio é impulso patológico que, juntamente com as compulsões, deve figurar como alteração qualitativa da conação (*parabulia*); citando Freud, escreve ainda, a respeito da tanatofilia (impulso patológico ao suicídio), que se admite, nos portadores dêsse impulso, a pré-existência de disposição melancólica, esquisofrênica ou epilética, conforme os casos; análise retrospectiva poria de manifesto, na grande maioria dêsses indivíduos, a existência de “incontinência emocional”, com déficit das inibições voluntárias e alternância das atitudes medrosa e colérica, no decurso das suas vidas. “*En tout cas*”, escreve Lacassagne, “*le suicide est le résultat du desespoir*”.

Flamínio Fávero aplaude, convictamente, aos que insistem em chamar, ao suicida, anormal psíquico, “pois quem deserta da vida não tem perfeita saúde mental: o instinto de conservação é força poderosa; seu embotamento é mórbido”. Para Adler, o suicídio traduz “manifestação de psicose”. Qualquer pessoa que intenta o suicídio “está muito doente ou psicótica” — parecer de Weiss-English. Na opinião de Porto-Carrero, “o exame mental de suicidas frustrados demonstra que nenhum dêles

apresenta perfeito equilíbrio mental”. Parecer idêntico, o de Nilton Salles: “em que pesem os motivos aparentes, o suicídio parece decorrer sempre de disposição psíquica anormal”. Pensam igualmente Gaupp, Weichbrodt e Licurzi; para êste, o indivíduo que não está em condições de compreender ser a auto-eliminação contrária à lei natural ou moral, “tem enfêrma a razão e atlerada a moral”: ao conceber, preparar e realizar a própria morte, era um doente da vontade, do raciocínio e da emotividade.

Em recente artigo, publicado no *Am. J. Psychia.* (112:814-820, abril de 1.956), Leonard M. Moss e Donald M. Hamilton, analisaram os casos de 50 indivíduos que intentaram a sério o autocídio, examinados no *New York Hospital*, num período de 20 anos. Damos-lhes a palavra: “*Among the case histories studied, all diagnostic categories were found, with a high percentage of psychoneurotics (22% vs. 10) manic depressives (38% vs. 25%) and a lower percentage of schizophrenics (22% vs. 32%)*”.

O que, afinal de contas, no fundo, de fato, pesa, é a anormalidade psíquica. Fácil compreendê-lo se raciocinarmos que o suicida, destruindo a própria vida, anula, ao matar-se, o instinto de conservação — êste instinto que, sendo *la fuerza más grande de la vida*, segundo Licurzi, “palpita no fundo de tudo que respira e persiste além dos próprios limites da esperança”, como quer Maurice Fleury. “É possível”, diz êste, “que haja mortes voluntárias, deliberadas com malignidade, calculadas com espírito lúcido para insultar o Criador na destruição da sua criatura. Asseveram-no os românticos. Moralistas nô-lo dizem, sem, entretanto, citar casos precisos. Afirmo sòmente jamais haver observado algo semelhante!” Diga melhor quem puder.

III — MATAM-SE MUITO OS VELHOS?

Baseando-se em estudos de Cassio Rezende, feitos na Ca-

pital Federal no período de 1864-1907 (tomados os coeficientes por 100.000 habitantes), informa Afrânio Peixoto que, entre os homens, o suicídio aumenta com a idade, atingindo o máximo, dos 60 aos 70 anos; nas mulheres, diminui progressivamente, tocando o mínimo de 50 aos 60 anos.

Segundo Maurice de Fleury, o número de suicídios assim se distribuiria, segundo as idades: de 16 a 19 — 204; de 20 a 24 — 386; de 25 a 29 — 513; de 29 a 39 — 993; de 40 a 49 — 1424; de 50 a 59 — 1611; de 60 a 69 — 1560; de 70 a 79 — 830; acima de 80 — 286.

Benjamim Pollack achou, em Chicago, os seguintes dados (por 100 mil habitantes): abaixo de 20 anos — 1,3; de 20 a 29 — 14,7; de 30 a 39 — 21,9; de 40 a 49 — 30,4; de 50 a 59 — 37,9; de 60 a 69 — 45,7; de 70 a 80 — 57,3; acima de 80 — 60,24.

Num estudo feito, em 1950, revelou a Organização Mundial de Saúde que, naquêl ano, se suicidaram mais as pessoas cujas idades oscilavam entre 45 e 75 anos. Em 1951, escrevia Douglas Swinscow, no "*British Medical Journal*", estarem-se tornando mais frequentes os suicídios entre os velhos, na Inglaterra, o que, a seu ver, significaria que o mundo se estaria tornando cada vez mais hostil para com as pessoas de idade avançada. Assinalou Gaston Ferdière, em artigo publicado em "*Monde Médical*", em 1953, que, em França, é cada vez maior a ameaça de suicídio entre os indivíduos além da sessentena.

Opinião contrária, a de André Legrand. Em sua maneira de pensar, os velhos se matariam menos que os jovens e maduros. "*La vieillesse s'abandonne rarement à ces actes de désespoir. Plus nous nous rapprochons de nôtre fin et plus nous nous rattachons à cette vie que va nous échapper*".

Diz Hermeto de Lima que os jovens se matariam mais, por ser a idade dos sonhos, a mais risonha quadra da vida, aquela em que tudo é ilusão e ainda não se tem o espírito endurecido pelas vivências e pelo sofrimento: "um desgosto que vem aos 21 anos, não causa emoção aos 50, em que já se tem a alma im-

penetrável quase”. Dando-nos conta de sua experiência profissional em gerocômios franceses, assevera tratadista de nossos dias haver sempre visto o homem e a mulher tanto mais apegados à própria pessoa, quanto mais habituados a viver com ela; por isso, com o passar dos anos, “o velho, cujo espírito e corpo se tornaram, há muito, inúteis, mais se aferra à existência”.

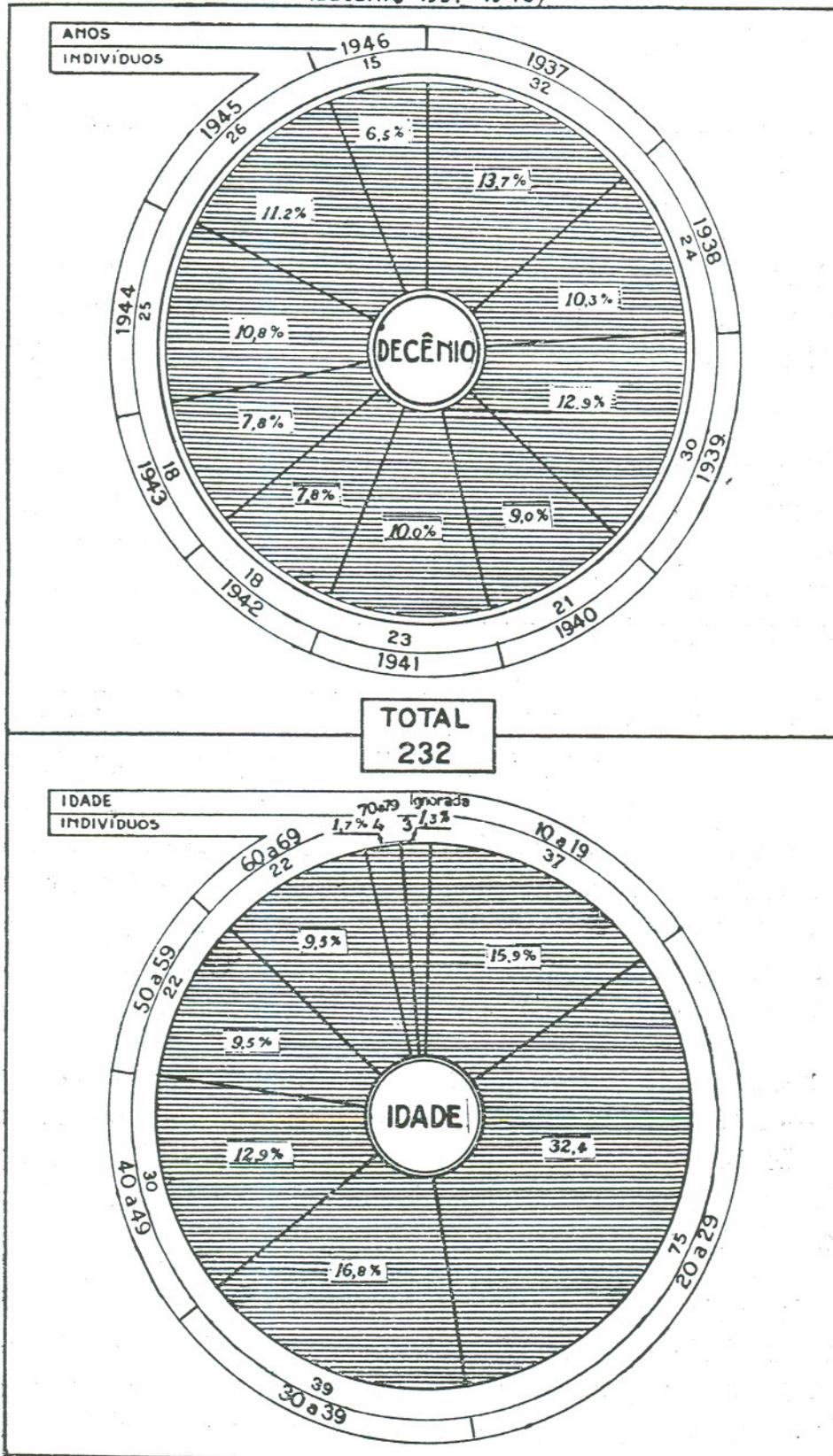
Diversamente das conclusões de autores, nacionais e estrangeiros, citados atrás, de que o número de suicídios aumentaria *pari passu* com o transcorrer dos anos, achou Floriano de Alencar, em São Paulo, em 1.925, num total de 286 casos, os autocídio e tentativas assim distribuídos: até 15 anos — 3 casos; de 16 a 20 — 67 casos; de 21 a 25 — 74 casos; de 26 a 30 — 55 casos; de 31 a 35 — 19 casos; de 36 a 40 — 24 casos; de 41 a 45 — 8 casos; de 46 a 50 — 5 casos; de 51 a 56 — 5 casos; de 56 a 60 — 8 casos; de 61 a 65 — 6 casos; de 66 a 70 — 3 casos; de mais de 70 — 1 caso, idade ignorada — 1 caso.

Nilton Salles, em belo estudo feito, no Rio, no decênio ... 1.930-1.939, achou, num total de 1.935 casos, os seguintes dados: acima de 10 anos — 247 casos; acima de 20 — 707 casos; acima de 30 — 410 casos; além de 40 — 259 casos; além de 50 — 167 casos; além de 60 — 108 casos; acima de 70 — 37 casos.

Estudando os suicídios ocorridos em Maceió, em dois decênios (1935-1955), o Prof. Lages Filho, talentoso mestre da Medicina Legal alagoana, achou num total de 272 casos: 100, entre 19 e 30 anos (36,76%); 50, entre 31 e 45 anos (19,49%); 45 entre 45 e 60 anos; 8, em indivíduos acima de 60 anos; 7, em indivíduos acima de 70 anos e apenas 1 caso em indivíduo acima de 80 anos.

Em trabalho, por nós feito, em Curitiba, no decênio 1937-1945, em 232 casos, chegamos a conclusões semelhantes às dos autores por último mencionados. Os gráficos (originais) que se seguem, servirão a documentar, melhor do que palavras, nossos achados a respeito:

ESTADO DO PARANÁ
SUICÍDIO EM CURITIBA
 (DECÊNIO 1937-1946)



O suicídio em Curitiba, no decênio 1937-1946:
 ocorrência anual e segundo os grupos etários.
 (Gráfico original)

IV — POR QUE SE MATAM OS VELHOS?

Estabeleçamos, de início, que muitos velhos *se matam*, sem que *se suicidem*. Parece estranha a afirmativa, mas não é.

É o que ocorre no chamado “suicídio-acidente”, devido a um erro fatal, não tendo havido, da parte do indivíduo o *animus* de se matar, o propósito de se auto-eliminar; exemplo: o indivíduo, indo limpar uma arma, que acredita descarregada, dispara, acidentalmente, o tiro fatal.

É que se observa ainda no “suicídio impôsto” ou “suicídio-constrangimento”: neste, o indivíduo age contra a própria vontade, coagido por outrem. Bem conhecido o que aconteceu a Sócrates: condenado à morte por Heliastos, é-lhe a mesma imposta pela ingestão do sumo da cicuta.

Em um e outro casos, o indivíduo mata-se, mas não se suicida. Exemplo mais típico, entretanto, nos velhos, é-nos dado pelo chamado “suicídio-demência”, caso típico de suicídio patológico, em que o ancião se mata em estado de absoluta inconsciência, sem razão, sem objetivo (Pacheco e Silva); observado na demência senil, na paralisia geral progressiva (fase demencial), ou qualquer forma de demência terminal (epilética, p. ex.): o sênio, por força do seu estado mental, esquece por exemplo, uma torneira de gaz aberta, vindo a morrer.

Tanto nesta, como nas modalidades anteriores — repitamos — não se pode falar em autocídio: o indivíduo matou-se, mas não se suicidou. Compreendemos ser o suicídio o ato pelo qual se dá a morte o indivíduo lúcido que, podendo escolher entre a vida e a morte, elege esta última.

Voltando ao assunto — por que se matam os velhos? Do senescer, dizia o padre Manoel Bernardes: “*hinverno he a velhice, em que não se pode caminhar a passo ordinário, quanto mais correndo, e fugindo; estes mesmos annos da velhice mais propriamente são sabbado para descansar do que temos andado, que dia de trabalho para começar jornada*”. Para o nosso

Machado de Assis, “a vida, mórmente nos velhos, é um ofício cansativo”. Não pensam assim os velhos-moços, portadores de *agerasia* — velhice robusta sadia e feliz — *verte vieillesse* dos francêses; citemos, dentre tantos, a Clemenceau que, procurado por Voronoff que se oferecia para rejuvenescê-lo, respondeu: “Não digo que não, mas só quando fôr velho” — e tinha então 80 anos...

Matam-se, muitos, pelo medo da velhice. As mulheres, em especial. Que o senescer é rude, impiedoso e cruel, na criatura do sexo feminino (embora, com Lafontaine, possamos dizer que, também nêste particular, há *bon nombre d'hommes qui sont femmes*.....). Retratou-o, à perfeição, Rodin, na sua famosa estátua” “*La Belle Heaulmière*”, a bela e fascinante cortezã d'antanho, radiante de graça e beleza, e agora repelente em plena decrepitude. O que a estátua nos mostra é uma velha mais enrugada do que uma múmia, curvada em dois, a olhar, desolada, os seios murchos, sêcos, pendentos, com o ventre pregueado de rugas, braços e pernas disformes, empelotados, cheios de nós. Confrange-se-nos o coração em face daquela ruína do que foi, outrora, a linda mulher que levou homens ao duelo, à loucura, à morte.

Nêsse livro delicioso que é “As amargas, não...”, relata Álvaro Moreyra: “No tempo em que, na Itália, as condessas descendiam daquelas, tão vestidas, do século 18 — tempo de Foscarina e Stelio Effrena — uma se fechou no seu castelo, em Veneza, para sempre. Sentiu que começava a envelhecer. Não quis que os olhos, que havia fascinado, a vissem menos bela, decaindo. Apenas uma serva antiga podia chegar perto dela. E, trinta anos mais tarde, foi num caixão de chumbo que saíu, pela vez derradeira, para debaixo da terra”.

Fala, aqui, Licurzi, no que denomina *complexo gerontofóbico*, *más torturante que el miedo de morir*. E conta: “*Una viuda habia cubierto todos los espejos, como se cubren los Cristos en Semana de Pasión. Alguién, cierto dia, los destapó. Al verse en olhos, sufrió una crise de excitación holoclástica. Los rompió todos. Luego se envenenó*”.

Mata-se, não raro, o velho, por aquilo a que o francês denomina *un coup de vieux* (inesperadamente, sem razão aparente, ou por motivo de somenos, tomba às garras da depressão e elimina-se). Ou então, sob influência da chamada "*crise de la retraite*": o abandono de um cargo ou de um emprêgo, por aposentadoria ou reforma, a inação a que se vê obrigado, arrasta-o ao desespêro e ao autocídio.

Muitas vezes, é o tédio, o cansaço de viver, que conduz à autoquíria. Tédio; *spleen*, dos ingleses; *ataraxia* dos orientais; *kief*, dos árabes; *cafard* dos soldados da Legião Estrangeira; *candra*, dos russos; *acédia* ou *acídia*, da Idade Média; *banzo*, a nostalgia mortal do negro d'África, agrilhado nos porões do navio negreiro, ou amargando a escravidão, longe, para sempre, da pátria perdida; — variam as denominações, mas a doença é a mesma. "*Quitter la vie est un acte aussi indifférent que celui d'abandonner une femme qu'on adorait et qu'on n'aime plus*" — escreveu-se e isto diz tudo. Conta Victor Hugo, em "O noventa e três", daquêle homem que, durante a Revolução Francesa, escreveu ao famoso carniceiro Fouquier-Tinville: "Tenha a bondade de me livrar da vida; aqui vai meu enderêço". Na Grécia antiga, as pessoas velhas e cansadas de viver podiam dirigir-se à magistratura, expondo as razões por que desejavam morrer; julgadas suficientes, era-lhes isso autorizado e até propiciado o veneno necessário. Na ilha de Keos, era frequente o suicídio pelos que chegavam aos 60 anos, em meio a festas, engrinaldadas de flôres; ao fim dos festejos, ingeriam sumo de cicuta ou de dormideira. Na Roma antiga, era comum o suicídio em consequência ao *toedium vitae*; ensinavam filósofos de então — *mori licet cui vivere non placet*, preconizando a auto-eliminação quando, esgotados todos os prazeres e volúpias, não mais tinha razão o viver.

O suicídio passional é também encontrado nos sênios, embora seja mais frequente entre os moços. Há na vida do homem, ao envelhecer, quando a noite se anuncia, uma como que volta à... juventude. Adolescência da velhice, "*retour d'âge*", vadiação no caminho da morte, "brotos joaninos" (brotos fora

de tempo, em árvore caduca...) — assim foi chamado êsse “sol de outono;” que o outono precede, de pouco, o inverno, trazendo seu sol um último e efêmero calor, antes do frio que, implacável, se avizinha. Daí, as paixões tardias, os amores fulminantes, as fugas românticas, os escândalos e complicações sentimentais dos velhos, arrastados, não raro, por jovens inda tenras, prêsa fácil, outras vezes, de astutas cavadoras de oiro. Mas, tudo é fogo de jacá velho: muito alto, muito vivo, muito estrelado, mas de curta duração. Embora, acêsa a libido, a *fames sexualis*, faltar-lhes-á, em breve, a capacidade instrumental, por esclerose dos vasos penianos. Daí, as perversões sexuais; daí, tanta coisa que acontece, e uma delas pode ser o suicídio. Em outubro de 1.955, no Rio, uma velha de 83 anos se apaixonou, perdidamente, por um homem bem mais jovem. Opondo-se o filho, ela se envenenou e morreu. Em março de 1.956, um sexagenário apaixonado tenta matar a jovem que ama e suicida-se a seguir. Em ... — mas, são tantos os exemplos, que, a contragosto, não os poderemos citar, a todos, no limitado espaço dêste trabalho (*).

Curioso, no ancião, por sua frequência, o *suicídio-vingança*. Nesta modalidade de autoquíria, o indivíduo, ao matar-se, como que intenta se “vingar” do ambiente de que resultou sua resolução desesperada; como que idealiza fique sendo sua morte uma contínua exprobação ao exterior, e que sua recordação perdure, para sempre, como uma recriminação constante, fazendo sofrer aos que ficaram. Êste desejo de vingança seria o mais poderoso fator na psicologia desta forma de autocídio. Originar-se-ia, assim, no subconsciente do suicida, uma situação em que desejaria a morte, não como libertação, mas para amargurar aos “culpados” pelo seu sacrifício e, sobretudo, para lhes fazer compreender o valor da vida “que tão pouco souberam prezar”. No suicídio do presidente Getúlio Vargas, acreditamos poder falar em suicídio-vingança. Deixando de parte a famosa missiva, na qual se sente o documento antecipada-

(*) Sugerimos a leitura de nosso livro “Psicologia Forense e Psiquiatria Médico-Legal” (Livraria da Revista Forense — Rio), em que há longo capítulo a respeito, ilustrado com numerosos exemplos.

mente escrito, retocado, burilado mesmo, preparado na previsão de acontecimentos que, afinal, não se realizaram e fixando-nos apenas numa rápida apreciação do curto e expressivo bilhete de despedida, redigido em plena tormenta psicológica, quando, acuado, por todos os lados, sentindo-se perdido, a idéia suicida, tirânica, impiedosa e avassaladora, lhe passara a dominar o espírito e a polarizar tôda a atividade mental — focalizemos, nêste, por assaz ilustrativa, a primeira frase: *À sanha dos meus inimigos, deixo o legado de minha morte!*, bem típica dos que realizam esta forma de auto-eliminação. Subentende-se, nas entrelinhas, a ameaça póstuma, o dedo em riste, do além túmulo: “Minha morte persegui-los-á enquanto viverem! Estarei sempre a apontá-los, pelo mal que me fizeram! Meus partidários hão-de fazê-los sofrer! Sim, não tenham dúvida, vocês me pagarão!” É uma opinião, está claro; com a qual poderá concordar, ou não, quem nos dispensa atenção; no que não vai mal maior, pois criaturas educadas podem, perfeitamente, discordar sem que, por isso, se venham a desconsiderar.

Muitos velhos se suicidam por inanição. Caso, recente, do sudanês Heir Alla, de 135 anos, que o fêz. Opinando a respeito, em artigo na revista “Monde Médical” (1953), escreve Gaston Ferdière ser, esta, modalidade de *“suicide que je rencontre très frequemment dans les milieux ruraux catholiques, le suicide dont personne ne parle et qui ne laisse pas de traces, que la famille laisse perprétrer sous ses yeux: on se laisse tout bonnement mourir de faim”*.

Casos assim são observáveis na vigência da artério-esclerose cerebral, no período médico-legal da demência senil, quando não são fruto de u’a melancolia tardia. Há suicídios de velhos, verdadeiramente espantosos, que trazem, em si, o “sêlo” do patológico; caso, por exemplo, de nossa observação, ocorrido em Valinhos (Estado do Paraná), no ano de 1.942:

“Triste, inquieto, desconfiado e insone, o indivíduo permaneceu no leito, por mais de um mês, recusando-se alimentar, bebendo continuamente. Certo dia,

anunciou à família que tinha de se matar. Aos que lhe imploravam não o fizesse, respondeu que não o queria fazer, mas era obrigado por vozes que, dia e noite, assim o determinavam. “Vejo uma faca e ela escancara uma bôca enorme e diz: “mate-se, mate-se!”; qualquer outra arma, é a mesma coisa; uma corda diz-me: “enforque-se, enforque-se!” Tinha até — dizia — uma cova, aberta, por êle, no mato, para ali se enterrar.

Certo dia, acordou alegre, satisfeito, depois de uma noite bem dormida. Cumprimentou a todos, de maneira brincalhona e disse que ia passear. Pouco depois, ouve-se um estrondo. Vão achá-lo morto. Fêz explodir sôber o ventre, uma “banana” de dinamite que guardava, em casa, havia muito tempo.

Descreve Afrânio Peixoto o suicídio singular, no Rio, de um velho alemão, opiômano e alcoolatra, que, para se eliminar, usou vários meios (asfixia pelo gaz de iluminação, secção dos pulsos por instrumento cortante e tiro na cabeça). O interessante é que deixou uma narrativa dos seus derradeiros instantes, descrevendo, passo a passo, sua caminhada na estrada da morte. Assim:

“15 de março de 1.914 — Uma hora — Meus últimos pensamentos.

“Peço a quem achar êstes papeis que os mande ao Conselheiro Kessler, Mannerstrasse 74; Koblenz, na Alemanha.

“O álcool (rum) é forte. E que gôsto detestável têm! É provável que sômente a absorção do que está nesta garafa chegue para intoxicar-me. Quero tentar. Se tal não suceder, entrará em ação o meu bom amigo preto que tantas vezes me têm emprestado seu auxílio. Tenho ainda 30\$000. É pena que não os possa gastar. Mas... não posso mais... estou muito em-

briagado! Viva! um copo de álcool... Toca para baixo, sem pestanejar. Irra! Esta droga sabe ter mau gosto! Ó! como detesto o mundo e o réptil que se diz chamar criatura humana.

“Foi assim que sempre pensei morrer; deixar a vida voluntariamente, quando o momento fôsse chegado, sentado à minha escrivaninha e apontando meus últimos pensamentos. Será, realmente, chegado o momento? Deixe-me viver ainda alguns momentos. Estou de bom humor. Rio-me. Estou embriagado! Desejaria dormir. Sim, sim, mas para nunca mais despertar. Sinto que estou embriagado. Sei o que faço, mas... faço tolice.

“É tão bom estar embriagado! Mais meio copo... Viva! Só de cheirar essa droga sinto-me mal (peço também que remetam a meu pai o meu anel e o alfinete de gancho). Continúo a beber. O! quanto é bela a existência, quando se está sob a acção do álcool.

(Segue-se o desenho de uma pistola, de uma garrafa e de um copo. Por cima da pistola, há os seguintes dizeres: “Uma pistola é bonita, não é? Como sei desenhar bem assim de momento”. Sôbre a garrafa, está escrito: “Isto é álcool”!)

“Não me animo a continuar a beber, creio... Ó! ainda tenho disposição para beber um copo. Toca para baixo o veneno! O álcool também influe sôbre a vida. Sim, sim, a vida é bela, quando se come caviar. 1 h. 30m. Não é tão fácil deixar a vida. O pulso doe desesperadamente. Se ao menos tivesse uma faca bem afiada. Vamos, é tempo! Sinto uma coisa estranha... Aqui, cheira a gaz e eu sangro... Como rangem as carnes, quando a gente as corta a si próprio: Creio que feri o pulso. Parece que há uma perda de sangue, internamente. Se eu tivesse uma na-

valha aqui, isto era para já. Não não me quero balear. Morrer lentamente é mais bonito. 2 h. e 30 minutos. Sim, é-me penoso escrever. 3 horas. Não verei por certo mais o sol! Esvaio-me em sangue... Cheira a gaz; 3 horas 10 m. Minha mão doe muito. Aconselho todo o homem que se queira suicidar, a não o fazer por meio de bala. 3 horas e 15 minutos. É, porém, muito interessante de observar... Breve tudo estará terminado. Qual! É só medo, enquanto o pulso não parar, estou vivo. 3 horas 25 m. A mão direita começa, porém a... É que não dei o golpe em lugar apropriado. 3 horas 30 m. vou detonar já. Se não achar a veia às 5 horas, detono. Estou num tremendo pifão. 4 horas. Pouco a pouco, perderei a noção das cousas. Minha mão esquerda já está de todo insensível. Sim, sim, perco sangue. Como isso é bonito! Onde está a agulha? Titubeio para cá e para lá, e com tudo ainda tenho consciência do que faço. Nunca julguei a morte assim... é realmente interessante. Minha cabeça titubeia para cá e para lá. Ainda sinto a minha... ainda poderia... Não, não, o morrer é tão bonito! Estou morrendo. Ó! como é tudo... Irei dormir... Mas a morte já está... Não vejo mais nada... Minha mão direita já começa também... contudo continua a terminação do que faço.

Por que não sangra meu pulso? Balanço a cabeça. 5 horas. Agora, está quase terminado. Eu posso... Se eu quiser, ainda posso ser muito ajuizado. É bom morrer. Tudo se move em derredor, está quasi terminado. 6 h. Estou morrendo ou dormindo? Arquejo compassadamente, como um cavalo. O gaz e o sangue que estou perdendo, entontecem-me. Faço com certeza uma figura muito cômica. Eu mesmo acharia graça... Aperto... detono... buff! Não, ainda vivo... as fontes sangram. Sim... Ainda escaparei... Não desejo... Rio-me"... (A assinatura do suicida).

Não são raros os suicídios, nos velhos, na vigência de um *raptus* ansioso. O espanhol Ramon, famoso por seu restaurante na praia de Iracema, em Fortaleza, que se decidiu a morrer com sua praia bem amada — foi um dêles. O Prof. De Martel, nome ilustre da Medicina francesa, quando a França capitulou na Segunda Guerra Mundial, tombou na mais negra das depressões; no momento em que as tropas alemãs entram, vitoriosas, em Paris, e desfilam pelos boulevards, estoura os miolos com um tiro.

Santos Dumont, envelhecido e cansado, encontra-se em Santos, sua terra natal, quando da Revolução de 32. Assiste um avião militar bombardear um forte, ser abatido e, em chamas, mergulhar no mar. Recebe o rude impacto da decepção: “Fôra então para isso que lutara, sofrera e penara tanto? Teria, acaso, querido para seu invento destino assim? Não, jamais sonhara, para o avião, essa triste finalidade; sempre o desejara instrumento pacífico, sulcando céus, unindo povos — destruindo, nunca! Tudo inútil, pois?...” A resposta deu-a êle mesmo, matando-se, no dia 23 de julho de 1932, aos 59 anos de idade.

James Forrestal, secretário de Estado norte-americano, num momento de grande depressão, atirou-se do 16.º andar do hospital em que se achava em tratamento; deixou, num pedaço de papel, a cópia do trecho de determinada tradução de Sófocles, na qual Ajax, no limiar da eternidade, recorda a mãe desconsolada e triste que, no final do dia, ouve, murmurada no ar, a história do filho que passou: *Worn by the waste of time, comfortless, nameles, hopeless, save in the dark prospect the yawning grave...*

Deixando de parte o controvertido suicídio de Jan Masaryk (suicídio ou homicídio? — discute-se ainda), recordamos o de José Manuel Balmaceda, presidente do Chile, deposto por uma revolução, que se acreditou num dêesses momentos *en que el sacrificio es lo unico que queda al honor del caballero* — matando-se, com um tiro na cabeça.

Já o Padre Anotnio Vieira dizia que “a Parca que sempre,

antes do tempo, corta os fios à vida, é a tristeza”. E prossegue: “Vereis a um dêstes, quando ainda se conta no número dos vivos, descorado, pálido, macilento, mirrado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobranceiras caídas, a cabeça derribada para a terra, e a estatura tôda do corpo encurvada, diminuída. E se êle se deixasse ver, dentro da casa ou sepultura, onde vive como encantado, vê-lo-íeis fugindo da gente e escondendo-se à luz, fechando as portas aos amigos e as janelas ao sol, com tédio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido, ou imaginado pode dar gôsto. E êstes efeitos tão desumanos, cujos são e de que procedem? Sem dúvida da melancolia venenosa e oculta, que a passos apressados leva o triste à morte: “*A tristitia festinat mors*”. Continua: “Considerem-me um cadáver vivo; morto e insensível para o gôsto; vivo e sensitivo para a dor; ferido e lastimado, chagado e lastimoso; cercado por tôdas as partes de penas, moléstias, de aflições e angústias; imaginando todo o mal e não admitindo pensamento de bem; aborrecido de tudo e muito mais de si mesmo; sem alívio, sem consolação, sem remédio, sem esperança de o ter, nem ânimo ainda para o desejar; isto é, um triste de coração”.

Camilo Castelo Branco chega ao fim da vida, muito enfêrmo, quase cego. Sua vida foi um rosário de lutas, agonias e sofrimentos. Sofre com os filhos: Jorge, psicopata incurável; Nuno, dissipador incorrigível. Torturam-no doenças. Escreve: “Tôdas as minhas infelicidades eram delícias, antes de sentir esta suprema desgraça”. Pouco depois: “Quando confronto minha cobardia com as tentações redentoras do suicídio, então compreendo a grandeza d’ânimo dos que se matam”. Mais além: “Começo a experimentar uma espécie de afeto póstumo ao meu cadáver”. A depressão evolue: “Se isto progride, resolverei depressa a crise”. Embora opine ainda, a esta altura: “Suicidar-me seria desmentir a fortaleza com que tenho arrotado a desventura até hoje” — sai, violentamente, da vida, pela porta negra do desespero, suicidando-se, com um tiro na cabeça. Deixou a seguinte carta:

Em 26 de novembro de 1.886 — 10 horas da

noite. Os inarráveis padecimentos, que se vão complicando todos os dias, levam-me ao suicídio, único remédio que lhes posso dar.

Rodeado de infelicidades de espécie moral, sendo, a primeira, a insânia de meu filho Jorge, e a segunda os desatinos de meu filho Nuno, nada tenho a que me ampare nas consolações de família. A mãe dêsses dois desgraçados não promete longa vida; e eu pudesse arrastar a minha existência até ver Ana Plácido morta, infalivelmente me suicidaria. Não deixarei cair sôbre mim essa enorme desventura — a maior, a incompreensível à minha grande compreensão da desgraça.

Esta deliberação de me suicidar vem de longe, como um pressentimento. Previ, desde os 30 anos, êste fim. Receio que, chegando o supremo momento, não tenha a firmeza de espírito para traçar estas linhas. Antecipo-me à hora final.

Quem puder ter a intuição das minhas dôres, não me lastime. A minha vida foi tão extraordinariamente infeliz que não podia eu acabar como a maioria dos desgraçados. Quando se ler êste papel, eu estarei gozando a primeira hora de repouso. Não deixo nada: deixo um exemplo. Êste abismo, a que me atirei, é o término da verdade viciosa por onde as fatalidades me encaminharam.

Seja bom e virtuoso quem o puder ser!

(a) Camilo Castelo Branco — São Miguel de Seide.

Jack London, o famoso novelista, depois da mais tumultuada das vidas, chega ao termo da jornada, cansado, deprimido, melancólico. Suicida-se com forte dose de morfina. Cabe-

riam lembradas, aqui, as palavras de Maurice de Fleury: “Examinai com cuidado o passado dêsses belos conquistadores; interrogai as testemunhas das suas vidas, e descobrireis que viram sua vitalidade triunfante soçobrar miseravelmente por alguns dias, por alguns meses, numa fase depressiva. Venha o violento choque aniquilador da ruína; sua potência desfeita; u’a amante que os deixa; o abandono dos amigos; a solidão... e eis a queda até o fundo do abismo, onde a angústia mortal os espera!” E em verdade, quantos exemplos disso: nem um, nem dez, nem cem, mas sim, milhares, dezenas de milhares; pena não os podermos analisar a todos.

Mais um apenas: o de Emílio Salgari. Cedo, entrou para marinha mercante, indo, de grumete, a capitão de longo curso. Conheceu o mistério dos sete mares; não tinham segredo, para êle, as plagas do Oriente e do Ocidente. Um dia, abandonou o tombadilho e fêz-se escritor. Escreveu muitas novelas que ainda hoje se lêem. Seus livros não tinham saída; passou fome, curtiu miséria. Certa feita, êle, o homem aventureiro, que arrostara tantos riscos e enfrentara, impávido, tantos perigos, se sente deprimido, desanimado, cansado. Executa então o gesto que tantas vezes descrevera em suas novelas: leva o revólver ao ouvido, puxa o gatilho e mata-se. Curioso que é só a partir de então que se torna famoso; suas obras são procuradas, vendidas, elogiadas. É a velha história: *Sois mort, c’est l’unique moyen d’avoir raison!* Enquanto viva, a pessoa é ignorada, esquecida, quando não humilhada combatida; morta, logo passa a ser tida à conta de brilhante, notável, boazinha. Em casos assim, dir-se-ia até que fêz bom negócio em morrer...

Encerremos com Stephan Zweig. Arrancado, pela guerra, ao seu mundo; perdidos os bens; privado do melhor mercado dos seus livros, que eram os povos de língua alemã; assoberbado pelas dificuldades — baqueia às garras da melancolia. Fala, desta, como de uma sombra, em suas “Memórias”: “Desde então, essa sombra nunca mais me abandonou, tem envolvido todos os meus pensamentos, de dia e de noite”. Esta, a razão por que escreve: “Por isso, recordações, falai e escolhei vós, em vez

de o fazer eu, e dai ao menos um reflexo da minha vida, antes que ela se submerja nas trevas!”.

Lendo-lhe os livros, ficamos sabendo haver sido sempre um suicida potencial que afagava, com particular carinho, a idéia de se eliminar. Numa de suas obras (“A luta contra o demônio”), ao estudar a vida de Kleist, deixa entrever a afinidade que o ligava a êste que se acabou matando, arrastando consigo a mulher com a qual vivera por muitos anos.

Mais instrutiva, a nosso ver, a leitura do romance “Coração Inquieto”; a ser exato que o autor sempre se identifica com um dos seus personagens, nesta novela Zweig o faz com aquêlê official de cavalaria que se decide matar: “Para mim, só havia uma solução — meter uma bala nos miolos... já compreendêra, perfeitamente, que só dessa maneira poderia salvar minha honra. O que, nêsse momento, quando deambulava, sòzinho, pelas ruas, eu meditava, era no modo de execução. Com a mesmíssima indiferença com que desmontaria uma carabina, examinei o que tinha a realizar nas duas ou três horas seguintes, as derradeiras da minha vida. Depois, a última coisa, a mais fácil: deitar-me na cama, cobrir bem todo o corpo, inclusive a cabeça, com dois ou três cobertores e, por cima dêles, colocar ainda a coberta de penas, afim de que ninguém ouça a detonação. Sob os cobertores, aplicar então o cano da arma bem junto à têmpora; meu revólver é de confiança, e sei bem que minha mão é firme. Nunca em minha vida, me preparei mais clara e precisamente para alguma coisa, como para minha morte. Durante todo êsse tempo, meus passos foram inteiramente calmos, meu pulso bateu com regularidade e quanto minha mão se conservava firme notei, com orgulho, quando meti a chave no buraco da fechadura”. Sugestivo depoimento! Pois é Stephan Zweig — futuro suicida — quem nos fala. Matam-se, êle e a companheira, ingerindo um tóxico. Seu último escrito:

Antes de deixar a vida, por minha livre vontade e em perfeito juízo, apresso-me em cumprir um último dever: agradecer, cordialmente, a esta maravi-

lhosa terra, o Brasil, o sossêgo tão bom e hospitaleiro que me proporcionou, a mim e ao meu trabalho. Cada dia aprendi a amar mais esta terra e em nenhuma outra parte teria eu com mais satisfação recomeçado minha vida, depois de ter perecido para mim o mundo da minha própria língua, e quando a minha pátria espiritual, a Europa, se destroe a si mesma.

Porém, após os sessenta anos, seriam necessárias energias especiais para, ainda uma vez, começar inteiramente de novo. E as minhas estão esgotadas pelos longos anos de peregrinação, sem pátria. Assim, julgo melhor encerrar a tempo e de frente erguida uma vida para a qual o trabalho espiritual sempre foi a maior alegria e a liberdade humana o maior bem dêste mundo.

Saúdo a todos os meus amigos! Possam êles ver a aurora depois da longa noite!

Eu, por demais impaciente, parto antes dêles.

(a) Stephan Zweig

Petrópolis, 22 de fevereiro de 1.942.

Já é tempo de parar. Alongámo-nos em demasia e, segundo Voltaire "*le secret d'ennuyer est celui de tout dire*": acaba por se tornar cansativo aquêle que tudo pretende dizer de um assunto. E os escritos, e as conferências, e os discursos, como as camisas, devem ser curtos — *just enough to cover the subject*, ensina o inglês: o estritamente necessário para cobrir o... "objeto". Quer dizer, camisas demasiado compridas, escritos muito longos, conferências e discursos quilometricos — são incomodativos embaraçam, atrapalham...

Paremos, pois. Ponto final.